



Semelhança Estilística entre Guimarães Rosa e Mia Couto

Aldeci Nardes Silva¹
alde.nardes@gmail.com

RESUMO:

Analisar recorte das obras *Buriti*, de Guimarães Rosa, e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto, é nosso intuito neste trabalho, que consiste em observar, nessas obras, ocorrências do aspecto verbal e averiguar incidências relativas aos aspectos verbais de duração prolongada e imperfeito. Considerando especificidades do português brasileiro e moçambicano, nossa hipótese é de diferenças particulares em cada obra. Travaglia (2014) e Castilho (1968) nos auxiliam neste estudo. Este trabalho, recorte preliminar da nossa pesquisa de doutoramento, aponta para um estilo parecido em ambas as obras, mas com diferenças significativas na utilização dos recursos da língua.

PALAVRA-CHAVE:

Línguas;
Aspecto verbal;
Sentidos;
Expressão;

¹ Doutoranda em Análise do Discurso pela Universidade de São Paulo (USP), atuando em pesquisa de estudo de literatura comparada de língua portuguesa de origem brasileira e moçambicana. Mestre em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo - FIAM-FAAM - Centro Universitário (1988), graduação em Letras - Português pela Universidade Bandeirantes de São Paulo (2003), graduação em Pedagogia pela Universidade Bandeirantes de São Paulo (2008), especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Monte Alto (2011), especialização em Educação para a Diversidade e Cidadania pela Faculdade Campos Elíseos (2012), especialização em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Monte Alto (2012). Fez a segunda Graduação em Licenciatura em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Metropolitana de Santos (2013). Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5158-4024>

1 Introdução

Regressar, retomar caminhos trilhados com o intuito de reencontrar, no espaço delimitado, o que deixou no passado; um passado bem presente, que carrega consigo, compondo, de forma diferente, o enredo da própria vida. Essa pode ser uma das interpretações possíveis de *Buriti* (2001), de Guimarães Rosa, e de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), de Mia Couto. Em ambas as obras, o retornar e o reencontrar são pontos fortes que permeiam o enredo e mobilizam tudo ao redor.

Em *Buriti*, a volta do médico veterinário Miguel ao Sertão, mais precisamente à fazenda Buriti Bom, um lugar que permanece preso à sua memória, envolve sentimentos. E em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* acontece algo parecido. Aqui, quem regressa à ilha Luar-do-Chão é o estudante Mariano Malta, por conta da notícia da morte do avô, de quem ele tem o mesmo nome. O impacto do reencontro torna-se inevitável, seja pelo falecimento do ente querido, seja mesmo pelas revelações que surgem em razão dos dois acontecimentos.

Neste estudo, nosso objetivo é verificar as ocorrências aspectuais voltadas para as formas verbais presentes nos referidos trabalhos dos dois autores. Nesse sentido, contamos com a ajuda de Castilho (1968, p.6), que, abordando questões relativas a aspectos verbais, o classifica como sendo “[...] a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo.”

A pesquisa contempla a análise comparativa de trechos das duas obras com a finalidade de averiguar o estilo empregado em cada uma. O resultado preliminar do estudo, analisando as incidências de aspectos verbais de duração prolongada e imperfectivo, aponta para uma semelhança estilística entre Guimarães Rosa e Mia Couto no que diz respeito à utilização de recursos linguísticos na escrita dos textos. Ambos elegem advérbios como marca estilística de seu trabalho, porém com uma recorrência específica, peculiar a cada um.

Além de Castilho (1968), também nos apoiamos nos conceitos de aspectos verbais desenvolvidos por Travaglia (2014) para analisar, nas duas obras, os efeitos de sentido produzidos pelas flexões dos verbos e pela utilização de adjuntos adverbiais na marcação do espaço-temporal e da duração temporal das ações discursivas.

2 Aspectos Verbais

Os papéis exercidos pelo verbo nos enunciados, de maneira ampla, conduzem a interpretações diversas, a depender não só do sentido que lhe cabe naturalmente e das formas flexionadas, como também da sua conexão com outros elementos linguísticos. Assim, entre os sentidos expressos pelos verbos, a categoria de aspecto verbal consiste em um papel cuja junção de sentido encadeia a presença do verbo e os recursos que constitui o discurso, formando uma percepção concreta de um todo orientada para um determinado sentido.

Travaglia (2014, p. 42) define aspecto verbal como sendo “uma categoria ligada ao “TEMPO”, mas que, antes de tudo, sua repercussão tem reflexos especiais na indicação do espaço-temporal das ações em desenvolvimento e do tempo de duração”. Assim, os argumentos de Travaglia convergem com os conceitos defendidos por Castilho (1968, p. 6). Ambos concordam que a espacialidade-temporal está inscrita no enunciado, marcada pela flexão verbal e pelos recursos linguísticos relacionados ao tempo, ao espaço e ao prolongamento ou não das ações, determinando o sentido.

É isso, por exemplo, que acontece na citação extraída de *Buriti*:

Sentados no barranco de beira da estrada, úmidos de sereno os capins, Miguel e o rapaz comeram seu farnel, já no sufusco e tempo fresco, já anoitecendo, enquanto ouviam o cucubo da coruja e o regougo da raposinha. ROSA (2001, p. 118).

Nesse trecho, o enunciado construído por Guimarães Rosa é um período composto por subordinação; na primeira oração ele emprega a forma verbal flexionada no pretérito perfeito do indicativo para apontar o acabamento das ações que mostram a espacialidade e a apreensão dos acontecimentos que se dão, realçados pelo advérbio “já”.

Na segunda oração, a forma verbal muda, uma vez que está no pretérito imperfeito, porém a repetição do advérbio “já” também ocorre, acompanhada do gerúndio do verbo “anoitecer”, responsável por marcar a duração dos acontecimentos, que alongam o tempo das ações que vêm posteriormente, caracterizando e reforçando a inconclusibilidade da percepção de ouvir e de contemplar.

As lembranças do veterinário e o contato, no presente, com o lugar de regresso se misturam às ações do momento, às sensações apreendidas nas

manifestações da natureza que se apresentam como se fossem “inéditas” diante da contemplação. E por tudo que ficou marcado na memória de Miguel o cenário reencontrado parece ser compatível com o lugar que permanece registrado no seu ser. Há, ainda, uma sobreposição de tempos: o presente, o pretérito das lembranças reveladas pela memória e as expectativas do reencontro com os habitantes da fazenda Buriti Bom, especialmente com a Glorinha.

Os efeitos de sentido produzidos pelos discursos ligados ao personagem estão intimamente relacionados à temporalidade e às representatividades espaciais, que compõem as veredas, paisagem presente no lugar, onde o buritizal ocupa posição de destaque. Com isso, o sentido dado pelos aspectos verbais no enunciado aparece de forma diversa.

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do complemento e o da realização da situação. TRAVAGLIA (2014, p. 43)

No caso de *Buriti*, o regresso do personagem Miguel ao Sertão trouxe para si sentimentos variados, dúbios em alguns pontos; mas todos relacionados à sua memória, mostrando estarem bem vivos na sua consciência. Entram aqui as lembranças de pessoas e a forma como foi tratado na última vez que esteve na fazenda Buriti Bom, suas vivências na época e a representação espacial e também temporal que voltam nesse momento em que se senta à beira da estrada para fazer a refeição. Miguel se surpreende por ainda reconhecer na paisagem animais e seus cantos, até mesmo os sons longínquos. Surge, com isso, a sensação de pertencimento, que ele chegou a colocar em dúvida, em razão do tempo distante.

Nos recortes selecionados para analisar *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* é possível observar que Mia Couto também se utiliza fartamente dos recursos ofertados pelos aspectos verbais para contemplar a produção de efeitos de sentido. No entanto, o emprego de recursos adverbiais é mais escasso do que o estilo adotado por Guimarães Rosa, que abraça os adjuntos adverbiais com mais frequência.

No trecho abaixo, o autor moçambicano utiliza, num primeiro momento, orações coordenadas com os verbos flexionados no pretérito perfeito do indicativo para designar o acabamento da ação e, na sequência, mantém o verbo flexionado no mesmo tempo, mas acrescenta o verbo no infinitivo. E na construção sintática seguinte Mia Couto muda o tempo verbal; agora o aspecto é imperfectivo, que aponta para o inacabamento de sentido dos acontecimentos.

[...] Enquanto, nas ruas da vila, as tropas desfilaram as pré-vitórias, meu pai despiu a sua farda e se guardou em casa. Mariavilhosa, triste, desistiu de argumentar. Juca Sabão, que acorria para se juntar à multidão, nem acreditava que o herói libertador se sombreava no resguardo do lar do lar, alheio ao mundo e ao glorioso momento. [...] (COUTO (2003, p. 72)

Em “Mariavilhosa, triste, desistiu de argumentar.”, o verbo no infinitivo reforça o acabamento da decisão de Mariavilhosa de desistir do que pretendia para o marido. Já a ação seguinte também está presa a essa última, pois o aspecto imperfectivo, o sentido de inacabamento tem a ver com a incredulidade de Juca Sabão, que duvidava que Fulano Malta fosse ficar em casa em vez de comemorar o seu feito nas ruas da ilha.

Em *Buriti*, a construção sintática dos enunciados produzidos na fala do narrador revela que Miguel tem afeto pelo lugar, possui recordações, sente saudades dele, de pessoas e das vivências. Logo no início, os efeitos de sentido marcados pelos verbos empregados, flexionados, sobretudo no pretérito imperfeito do indicativo, e realçados por adjetivos, como “alheio” e “estranho”, e por advérbios, como “longe”, alongam os sentidos construídos das ações, das emoções e também determinam o seu inacabamento: “Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe.”, Rosa (2001, p. 117).

Desse modo, os recursos utilizados são responsáveis por dar um efeito de prolongamento do tempo e, ao mesmo tempo, compõem a imagem espacial do lugar, principalmente da fazenda Buriti Bom. Portanto, os fenômenos aspectuais, marcados pelos verbos, definem a representação espacial dos acontecimentos e localizam “a situação dentro do espaço temporal de sua ocorrência.” (Travaglia, 2014, p. 44)

Assim, o trecho selecionado, extraído de *Buriti*, de Guimarães Rosa, expressa o aspecto temporal do verbo “voltar”, flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, apontando para uma situação de inacabamento, envolvendo o retorno do personagem Miguel à Buriti Bom. Considerando Travaglia (2014, p. 135), a construção sintática vai “[...] preenchendo um período de tempo que ainda não é completo.” A situação apresenta um aspecto verbal imperfectivo, um sentido duradouro, que prolonga as ações marcadas pela flexão verbal.

No parágrafo seguinte à citação da obra de Guimarães Rosa, o aspecto imperfectivo é marcado pela flexão verbal e também pela forma gerúndio, envolvendo questões emocionais e as lembranças de situações que foram efetivamente vividas, chegam ao longo do percurso, no caminho, já no lugar, antes mesmo de o veterinário regresso alcançar o seu destino, a fazenda Buriti Bom.

Portanto, essa passagem marca o aspecto perfectivo, ações que já foram concluídas. Aqui, além do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, Guimarães Rosa também emprega os verbos “esconder”, “arrepiar” e “beber” na forma de participípio para ajudar a descrever a situação em que o riachinho se encontra com um fiozinho de água.

Viajara de jeep, em ermas etapas, e essa rapidez fora do comum dava para desentender-se um tanto o monótono redor, os conduzidos caminhos campeiros. Ia chegar à Casa, tardio mas enfim, noite sobre. Parara, para jantar, no mesmo ponto em que da primeira vez: perto duma funda grotta — escondido muito lá em baixo um riachinho bichinho, bem um fiapo, só, só, que fugia no arrepiado susto de por algum boi de um gole ser todo bebido; um riinho, se recobrando com miúdas folhagens, quase subterrâneas, sem cessar trementes e lambidas, plantinhas de floricas verdes, muito mais modestas que as violetas. (ROSA, 2001, p. 117)

No trecho “Sempre o pai pendurou a gaiola na varanda. Mas sempre estava vazia.”, extraído de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003, p. 62), o aspecto verbal se caracteriza pela forma flexionada no pretérito perfeito do indicativo, mas também pela presença do advérbio “sempre” que, além de reforçar a temporalidade pretérita do verbo “perdurar” e o seu aspecto iterativo perfectivo, ainda aponta a iteratividade da ação de colocar a gaiola na varanda, de maneira reiterada.

Essa marca de repetição do advérbio indica o processo durativo da situação, que teve a sua conclusibilidade estendida, prolongada por um tempo indeterminado. Na fala dos personagens Fulano Malta e do seu filho Mariano Malta revela uma rotina na vida dos dois e a intenção do pai de transmitir valores que a então criança só conseguiu identificá-la muitos anos depois, já na fase adulta.

Apesar de muitos anos terem se passado, a recuperação dessas memórias despertou e aperfeiçoou o carinho e o afeto do Mariano Malta pelo pai, reconhecendo os valores e os impactos desses gestos cotidianos na vida do então adulto que, por conta dos estudos na universidade, vive longe do pai. O jovem, inclusive, percebe o quanto Fulano Malta amava sua mãe Mariavilhosa e o quanto ele não se sentia sozinho e que, mesmo morando perto do pai e da mãe e de alguns irmãos, chamou para si a responsabilidade de cuidar e educar o único filho depois do falecimento da companheira. “Com um gesto me convida a sair. Lá fora frescava mais. Na entrada da casa, sobre uma armação suspensa em troncos de cimbire, está pendurada uma gaiola. Aquilo me dá um aperto no peito.”, Couto (2003, p. 62). Mariano Malta avalia que a solidão do pai ficou ainda maior após a sua partida para a universidade distante.

3 Adjunto Adverbial

Já o adjunto adverbial, como elemento linguístico que compõe a construção sintática do discurso, está intimamente ligado a questões relacionadas à temporalidade. Assim, a presença de adjunto adverbial no enunciado sempre terá a primazia para expressar valores aspectuais relativos ao tempo. Segundo Castilho (1968, p. 72), os adjuntos adverbiais podem alterar o sentido semântico natural do verbo e enfatizar os efeitos determinados pelos adjuntos.

No trecho “Nunca consegui meter nada lá dentro” de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (2003, p. 62), os recursos utilizados pelo autor, na construção do enunciado, prolonga os efeitos de acabamento da ação determinada pelo verbo “conseguir” para além do que determina o tempo dêitico da flexão verbal em si. O advérbio “nunca” nega o sentido afirmativo do verbo e prolonga o efeito durativo da situação, levando a uma percepção de duração por um tempo indeterminado.

Coincidentemente, no caso de *Buriti*, a sequência do trecho abaixo reitera a ideia durativa dos acontecimentos discursivos com o emprego do adjunto adverbial “nunca”, que também assume a função de perdurar o tempo marcado pelo verbo “ter”, flexionado no pretérito mais-que-perfeito. “Dos de lá, desde ano, nunca tivera notícia; agora, entanto, desejava que de coração o acolhessem. Receava. Era um estranho; continuava um estranho, tornara a ser um estranho?”, Rosa (2001, p. 117).

Outro fato importante é a escolha do advérbio “lá”, responsável por desenhar a visão espacial e consolidar o sentido de um acabamento alongado; e retomando o caráter imperfectivo dos sentidos empregados, relacionados a valores e sentimentos de incertezas ligando a personagem Miguel ao lugar de regresso.

Ainda em *Buriti*, o trecho selecionado abaixo, em que o narrador da obra de Guimarães Rosa descreve a beleza e os encantos da personagem Lalinha, argumentando e justificando, a seu modo, fatores que o levam a considerar que ela seja um ser extraordinário, com atributos que a coloca em um mundo à parte, fora da realidade palpável para um ser humano comum.

Dona Lalinha **não** é de verdade. No primeiro dia, pensei que ela **não** tivesse o juízo normal, e por ser louca a deixavam **assim**. Será que os roceiros de perto **não** vão dando notícia de **ali** haver aquela diferente criatura, e o caso **não** corre distâncias, no sertão? Uns devem de vir, com desculpa qualquer, mas só para a ela assistir, no real, tomarem a certeza de que **não** é uma invenção formada. **Não** entendem. Se, em desprevenido, ela surgisse, a pé, numa volta de estrada ou à borda de um mato, os capiaus que a avistassem faziam enorme espanto,

se ajoelhavam, sem voz, porque ao milagre **não** se grita, diante. Sobre o delicado, o vivo do rosto, **tão** claro, os lindos pés, a cintura que com as duas mãos se abarca, a boca marcada de vermelho forte. Comigo, ela **quase não** fala. Evita conversar, está certo, na situação dela. Tem de ser mais honesta do que todas. Todo o mundo tem de afirmar que ela é honesta, direita. ROSA (2001, P. 120)

Ao descrever a beleza singular da ex-nora de Lô Liodoro, o autor utiliza, reiteradamente, o adjunto adverbial de negação “não” para reafirmar as sutilezas dessa beleza e acrescentando outros atributos relacionados ao modo como Lalinha vive e se comporta na convivência com todos na fazenda Buriti Bom. Assim, além de afirmar os atributos da personagem, o adjunto adverbial de negação, que aparece sete vezes nesse trecho, também marca o aspecto verbal iterativo, que indica uma duração prolongada dos acontecimentos narrados. Outro adjunto adverbial importante é o de lugar, “ali”, que situa a presença de Lalinha na espacialidade local.

Outros adjuntos adverbiais que auxiliam nessa descrição é o de modo “assim”, que reforça a forma como o narrador enxerga Lalinha e o seu cotidiano na fazenda. Já o advérbio “tão” interage com o adjetivo “claro” para intensificar a plasticidade estética do rosto da pessoa descrita; e o advérbio “quase”, empregado para traçar um painel da vida recatada que a mesma leva no lugar.

Como lembra Castilho (1968, p. 51), “O papel dos adjuntos adverbiais como provocadores da noção aspectual é semelhante ao da flexão temporal.” Nesse caso, “tivera” funciona como verbo télico, como sendo “[...] aquele que indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax ou ponto terminal natural.”, argumenta Travaglia (2014, p. 60). Portanto, a funcionalidade do verbo télico está intimamente ligada ao apontamento de direção, à construção de sentidos marcada pela temporalidade-espacial expressa pelos elementos linguísticos constitutivos.

Em “O que pode acontecer agora, doutor? Ele reanima, volta à vida? Ou começa por aí a apodrecer?”, Mia Couto (2003, p. 37), *Abstinência* Malta, tio paterno de Mariano Malta, questiona o médico da família sobre o estado do pai, que, nas falas do narrador, vivia a contínua contradição de se comportar como morto quando estava vivo e na condição de morte reverberava como se estivesse vivo. O verbo “acontecer” no infinitivo reforça “poder” no presente do indicativo e o advérbio “agora” intensifica o tempo presente, alongando a ideia de durativa dele. Nas orações seguintes a lógica se mantém, sendo que na terceira oração o autor troca o advérbio de tempo pelo advérbio de lugar, enfatizando o sentido de acontecimento na espacialidade-temporal designada.

Travaglia (2014, p. 263-64) reforça, ainda, que os adjuntos adverbiais estão muito relacionados a aspectos verbais e que eles, quase sempre, expressam tempo ou mesmo a frequência. Outro ponto importante destacado por Travaglia diz respeito à precisão dos aspectos apontados pelos adjuntos adverbiais, responsáveis por afastar a possibilidade de interpretação ambígua de sentido, além de reforçar o aspecto já manifestado por outros recursos linguísticos, como o aspecto perfectivo, indicando acabamento, quando estes forem as formas demonstradas.

4 Aspecto Verbal Imperfectivo

O aspecto imperfectivo do verbo é responsável por imprimir a ideia de inacabamento dos enunciados, além de, dependendo da sua construção e dos recursos linguísticos empregados, determinar o processo durativo da temporalidade e da espacialidade onde os acontecimentos se dão.

Nesse sentido, Castilho (1968) salienta algumas condições para a ocorrência do aspecto imperfectivo do verbo:

Se ação verbal indica uma duração, temos o aspecto imperfectivo; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto perfectivo; se uma ação repetida, o aspecto iterativo; se nada disso, vestindo-se o verbo de um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria (e no caso interessamos a ausência da categoria aspectual), teremos o aspecto indeterminado. (CASTILHO, 1968, p. 6)

Sobre o aspecto imperfectivo do verbo, Travaglia (2014, p. 85) aponta que o caráter de incompletude se apresenta nas situações, nos acontecimentos que se desenrolam ao longo do enunciado. Para ele,

O imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isto equivale a dizer que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo. (TRAVAGLIA, P. 85)

Pensando nas duas obras que escolhemos para analisar: *Buriti* e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, algo parecido acontece com o estilo de Mia Couto que, em muitos momentos de sua obra, utiliza recursos semelhantes aos usados por Guimarães Rosa. Uma das poucas exceções que difere do estilo do escritor brasileiro é o emprego da

preposição “a”, acompanhada do verbo no infinitivo, para indicar a ação desenvolvida no presente e que se alonga, produzindo um efeito durativo de sentido.

Um exemplo é o trecho “Desculpa, Últmio, não estou a ver o pai congelado no meio de corvinas, garopas e camarão.”, Couto (2003, p. 37) que, embora a ação enunciativa se desenvolva com o verbo flexionado no presente do indicativo, o efeito de sentido é durativo, estende-se por um tempo indeterminado, sem a possibilidade de prever o seu acabamento. Esse tipo de construção sintática, com a utilização da preposição “a” antes do verbo no infinitivo, não é encontrada na obra de Guimarães Rosa. Portanto, nesse aspecto, o estilo observado entre os dois autores é bem diferente.

Desse modo, e considerando os argumentos de Castilho (1968, p. 61), a perífrase acima, extraída do romance de Mia Couto, se enquadra como aspecto imperfectivo cursivo, ou seja, uma ação desenvolvida no momento, mas com efeito de sentido prolongado para além do presente da ocorrência. Para Castilho,

O cursivo é o aspecto imperfectivo por excelência, indicando a duração de que se ignoram os limites. A ação é apanhada em seu pleno desenvolvimento, inexistindo preocupações em torno do princípio ou do fim do processo. (CASTILHO, 1968, P. 61)

Outro recorte do trabalho do autor moçambicano reitera o recurso utilizado no trecho anterior para materializar o efeito de sentido de prolongar o acontecimento, atribuindo a ele a ideia de inconclusibilidade. “Quem sabe se isso acontece quando eu estiver a dar a luz este nosso filho?”, Couto (2003, p. 73), fala de Mariavilhosa, grávida do protagonista do romance Mariano Malta, durante a discussão com o marido Fulano Malta, por conta da recusa dele de participar do desfile que a cidade faria para homenageá-lo pelos feitos militares em prol do lugar em que nasceu.

Por outro lado, Travaglia (2014, p. 273) adverte que, dependendo da circunstância, e sobretudo da escolha do verbo trabalhado, a construção de sentido pode implicar uma situação bem distinta. A construção sintática com aspecto imperfectivo representa apenas uma possibilidade que “[...] parece ser a responsável pelos aspectos imperfectivo, cursivo, não acabado e durativo [...]”. Em outra situação, e com outro verbo, pode prevalecer o aspecto “iterativo no lugar do cursivo e do durativo iterativo”, ressalta Travaglia.

Outro exemplo de aspecto durativo é o trecho “Ainda hoje o senhor desatou a cheirar a boca do nosso pai, parecia um cão a farejar.”, também de Mia Couto (2003, p. 37). Embora o verbo “desatar” tenha sido flexionado no pretérito perfeito do modo indicativo, a escolha dos advérbios “ainda” e “hoje” no início da oração marcam o tempo, expressam um aspecto de atualidade dos acontecimentos; e o complemento “a cheirar a boca do nosso pai” reflete um efeito durativo da situação. Na sequência da oração, o aspecto

imperfectivo do verbo “parecia” complementa o sentido alongado da construção sintática feita pelo autor.

Nesse momento, os filhos do falecido discutem com o médico da família as razões de ele ter agido de forma tão estranha para atestar se o ente querido estava ou não morto. Aqui, Castilho (1968, p. 68) nos ajuda a compreender que “Os ADJUNTOS ADVERBIAIS que têm a virtude de tornar durativos os verbos de tendência télica denotam em geral a extensão do tempo ou o vagar [...]”. Ele acrescenta que o aspecto cursivo assume um caráter progressivo “Esse aspecto indica uma duração que importa numa aceleração ou gradação do processo [...]”.

Ainda em se referindo a adjuntos adverbiais, Castilho (1968, p. 72) revela que, dependendo da situação, os adjuntos adverbiais podem alterar o sentido semântico natural do verbo. No caso em questão, os recursos utilizados por Mia Couto modificaram os efeitos de acabamento das ações, prolongando-as para além do que determina o tempo dêitico da flexão verbal em si.

5 Conclusão

Pretendemos, com este estudo, analisar o estilo de trabalho do autor moçambicano Mia Couto e do brasileiro Guimarães Rosa, no que se refere à utilização dos recursos designados pelos aspectos verbais. Das hipóteses que levantamos inicialmente, duas se confirmaram: a de que os dois autores têm o estilo parecido na forma de manipular os verbos no ofício da escrita, e suas flexões, como meio de composição com os recursos proporcionados pelos adjuntos adverbiais. Em Guimarães Rosa, os advérbios, especialmente os de tempo e de lugar; a adjetivação farta; e formas verbais que acompanham toda a obra designam o espaço e qualifica-o no tempo.

Já em Mia Couto os advérbios existem, porém são menos frequentes, assim como a adjetivação, que é ainda menos recorrente, considerando o trabalho de Guimarães Rosa. Comparando as duas obras, observa-se que Mia Couto é mais “jornalístico”, pois explora com maior recorrência os recursos fornecidos pelas formas verbais, especialmente as que dão forma aos movimentos, às ações designadas por ela. A ação preponderante é a do sujeito com os fatos. Enquanto a obra de Guimarães Rosa tem foco na diversidade espacial, na singularidade e na interação do sujeito nesse espaço e no tempo também diverso dos acontecimentos das ações que se desenvolvem.

A segunda hipótese que foi possível confirmar está relacionada ao aspecto imperfectivo do verbo, com o emprego da preposição “a” antes do verbo no infinitivo, com o objetivo de transmitir a ideia de inacabamento e de prolongamento dos acontecimentos no espaço-temporal. Esse recurso é bem presente no trabalho do autor moçambicano e não aparece em Guimarães Rosa. No que se refere ao aspecto imperfectivo, o escritor brasileiro

explora unicamente a flexão verbal do pretérito imperfeito do indicativo e os recursos linguísticos disponíveis na língua, especialmente os advérbios e os adjuntos adverbiais.

Referências

ABRAÇADO, JUSSARA. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

AMADO, R. S.; RODRIGUES, R. **A flexão do verbo no Português**. In: LIMA-FERNANDES, M.C.; CHULATA, K. A. (Orgs.) *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce-It.: Pensa Multimedia, 2010, p. 45-71.

CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília/SP: Tese doutorado USP, 1968.

COUTO, Mia, **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FIGUEIREDO, F. J. Q. **Aprendendo com os erros – uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas**. 2ª ed., Goiânia/GO: Editora UFG, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Buriti. Noites do Sertão**. 9ª ed, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no Português a categoria e sua expressão**. 5ª edição, Uberlândia : EDUFU, 2016.

ANEXOS:

1 BURITI, GUIMARÃES ROSA, recorte da página 117 à 121

Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe. Dos de lá, desde ano, nunca tivera notícia; agora, entanto, desejava que de coração o acolhessem. Receava. Era um estranho; continuava um estranho, tornara a ser um estranho? Ao menos, pudessem recebê-lo com alegria maior que a surpresa. Mas, para ele, aproximar-se dali estava sendo talvez trocar o repensado contracurso de uma dúvida, pelo azado desatinozinho que o destino quer. Achava.

Viajara de jeep, em ermas etapas, e essa rapidez fora do comum dava para desentender-se um tanto o monótono redor, os conduzidos caminhos campeiros. Ia chegar à Casa, tardio mas enfim, noite sobre. Parara, para jantar, no mesmo ponto em que da primeira vez: perto duma funda grota — escondido muito lá em baixo um riachinho bichinho, bem um fiapo, só, só, que fugia no arrepiado susto de por algum boi de um gole ser todo bebido; um riinho, se recobrando com miúdas folhagens, quase subterrâneas, sem cessar trementes e lambidas, plantinhas de floricas verdes, muito mais modestas que as violetas.

Sentados no barranco de beira da estrada, úmidos de sereno os capins, Miguel e o rapaz comeram seu farnel, já no sufusco e tempo fresco, já anoitecendo, enquanto ouviam o cucubo da coruja e o regougo da raposinha. Entrementes ocorria também o vozejo crocaz do socó: — Cró, cró, cró... — membranoso. Miguel acendeu cigarro; o rapaz mastigava uns restos. Não dilatava, bastando a gente guardar um pouco o silêncio, e o confuso de sons rodeava, tomava conta. Como a infância ou a velhice — tão pegadas a um país de medo. Miguel, sem o saber, sentia afastadas coisas, que se ocultavam de seu próprio pensamento. Levantou-se, caminhou uns passos, até ao jeep, apanhou a lanterna. Andou mais, na direção de onde tinham vindo. Como parou, dali o sipipilo do regato não se suspeitava. Só os grilos, por todo o campo, toda qualidade deles, sempre surgindo.

Tudo como da primeira vez, quando viera, a cavalo, por acaso em companhia de dois moços caçadores e, depois, de nhô Gualberto Gaspar, com quem quase mesmo no chegar tinham feito conhecimento. Da treva, longe submúsica, um daqueles acreditava perceber também, por trás do geral dos grilos, os curiangos, os sapos, o último canto das saracuras e o belo pio do nhambú. Devia de ser. Em parte, o outro caçador confirmou. Miguel assestara o ouvido. Orgulhava-se de ainda entender o mundo de lá: o quáah! quáah!, como risada lonjã, tinha de ser de um socó, outrossim, que ia voar do posto. — “E é...” — nhô Gualberto Gaspar aprovou — “Aí, menos longe, tem uma lagôa.” Um perguntara: — “Bom lugar, para se atirar em pato? Muito

junco?” Mas, aquela hora, falava-se menos, em voz baixa, mesmo sem ser de propósito. Estavam fatigados. O certo, que todos ficavam escutando o corpo de noturno rumor, descobrindo os seres que o formam. Era uma necessidade. O sertão é de noite. Com pouco, estava-se num centro, no meio de um mar todo. — “A gente pode aprender sempre mais, por prática” — disse o primeiro caçador. Discorria da dificuldade em separarem-se sons, de seu amontoo contínuo. — “Só por precisão” — completou o segundo, o setelagoano. E mais disse: que dirá, então, os bichos, obrigados a constante defesa ou ataque? O lobo, o veado. O rato. O coelho, que, para melhor captar os anúncios de perigo, desenvolveu-se um pavilhão tão grande? Principal, na jungla, não é tanto a rapidez de movimentos, mas a paciência dormida e sagaz, a arma da imobilidade. À cabecinha de um coelho peludo, sentado à porta de sua lura, no fim da tarde, devem chegar mais envios sonoros que a uma central telefônica. — “Pois, p’ra isso, p’ra se conhecer o que está longe e perto...” — o setelagoano continuou. E, daí, silenciaram, depois falaram mais, desse e de outros assuntos. Falou-se no Chefe Zequiel.

Na última noite passada no Buriti Bom, Miguel tinha conversado a respeito de coisas assim. O que fora:

Na sala-de-jantar. A lamparina, no meio da mesa. Nos consolos, os grandes lampeões. O riso de Glória. Lô Liodoro jogava, com Dona Lalinha. Glória falava. Ele, Miguel, ouvia. De repente, reconheceu, remoto, o barulhinho do monjolo. De par em par de minutos, o monjolo range. Gonzeia. Não se escuta sua pancada, que é fofa, no arroz. Ele estava batendo, todo o tempo; eu é que ainda não tinha podido notar. Dona Lalinha é uma linda mulher, tão moça, como é possível que o marido a tenha abandonado? Nela não se descobre tristeza, nem sombra de infelicidade. Parece uma noiva, à espera do noivo. Vê-se, é pessoa fina, criada e nascida em cidade maior, imagem de princesa. Cidade: é para se fazerem princesas. Sua feição — os sapatinhos, o vestido, as mãos, as unhas esmaltadas de carmesim, o perfume, o penteado. Tudo inesperado, tão absurdo, a gente não crê estar enxergando isto, aqui nas brenhas, na boca dos Gerais. Esta fazenda do Buriti Bom tem um enfeite. Dona Lalinha não é de verdade. No primeiro dia, pensei que ela não tivesse o juízo normal, e por ser louca a deixavam assim. Será que os roceiros de perto não vão dando notícia de ali haver aquela diferente criatura, e o caso não corre distâncias, no sertão? Uns devem de vir, com desculpa qualquer, mas só para a ela assistir, no real, tomarem a certeza de que não é uma invenção formada. Não entendem. Se, em desprevenido, ela surgisse, a pé, numa volta de estrada ou à borda de um mato, os capiaus que a avistassem faziam enorme espanto, se ajoelhavam, sem voz, porque ao milagre não se grita, diante. Sobre o delicado, o vivo do rosto, tão claro, os lindos

pés, a cintura que com as duas mãos se abarca, a boca marcada de vermelho forte. Comigo, ela quase não fala. Evita conversar, está certo, na situação dela. Tem de ser mais honesta do que todas. Todo o mundo tem de afirmar que ela é honesta, direita. Sempre uma mulher casada. Mulher de iô Irvino, cunhada de Glória, de Maria Behú. O ranger do monjolo é como o de uma rede. O rego está com pouca água, daí a lentidão com que ele vai socando. E o outro gemer? — “Esse outro, é de bicho do brejo...” — Glorinha disse. Decidida. Glorinha é loura — ou, ou, alourada. Mais bonita do que ela, dificilmente alguma outra poderá ser. Bonita não dizendo bem: ela é bela, formosa. Quanto tudo nela respira saúde. Natural, como Dona Lalinha. Mas, tão desiguais. Glória: o olhar dado brilhante, sempre o sem-disfarce do sorriso como se abre, as descidas do rosto se assinalando — uma onçazinha; assim tirando às feições do pai, acentuados aqueles sulcos que vêm do nariz para os cantos da boca. Dona Lalinha, os cabelos muito lisos, muito, muito pretos; e o rosto a maior alvura. Ela tem um modo precioso de segurar as cartas, de jogar, de fumar, de não sorrir nem rir; e as espessas pálpebras, baixadas, os lábios tão mimosamente densos: será capaz de preguiça e de calma.

2 MIA COUTO: UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA, Página 37, Abstinência Malta, sobre o pai:

[...] Enquanto vivo se dizia morto. Agora que falecera ele teimava em não morrer completamente. Desta feita, é Fulano Malta que exige esclarecimento: — O que pode acontecer agora, doutor? Ele reanima, volta à vida? Ou começa por aí a apodrecer?

— Não sei, nunca vi um caso destes...

— Não sabe, não sabe — reclama Últímo. — Mas eu preciso definir a minha vida, tenho coisas a fazer lá na capital, os meus negócios, minhas obrigações políticas. [...]

Página 37 [...]— Mas o pai não pode ficar assim, nem se enterra nem se ressuscita. Podíamos, por exemplo, na câmara frigorífica da Pesca-Mar.

— Desculpa, Últímo, não estou a ver o pai congelado no meio de corvinas, garopas e camarão. Então é ele morria de vez. [...]

Página 72 [...] Enquanto, nas ruas da vila, as tropas desfilaram as pré-vitórias, meu pai despiu a sua farda e se guardou em casa. Mariavilhosa, triste, desistiu de argumentar. Juca Sabão, que acorria para se juntar à multidão, nem acreditava que o herói libertador se sombreava no resguardo do lar do lar, alheio ao mundo e ao glorioso momento. [...]

Página 73 [...] — Mas vou ficar aqui, a fazer companhia a minha mulher : Faz anos que não assisto um poente junto com ela. [...]

Página 73 [...] Daqui a um mês a bandeira vai subir. Quem sabe se isso acontece quando eu estiver a dar a luz este nosso filho?

Nenhum dos dois, contudo, podia adivinhar o que estava guardado para esse anunciado dia. Naquele momento, meu velho se sentou, grave. E falou. Aqueles que, naquela tarde, desfilavam bem na frente, esses nunca se tinham sacrificado na luta.



**CHAMADA
TEMÁTICA**

**Revista
Diálogos
(RevDia)**

Stylistic Similarities between Guimarães Rosa and Mia Couto

ABSTRACT:

Analyze a clipping of the works *Buriti*, by Guimarães Rosa; and from A river called time, a house called earth, by Mia Couto; It is our intention in this work, which consists in observing, in these works, occurrences of the verbal aspect, to find out incidences related to the verbal aspects of prolonged duration and imperfection. Considering the specificities of Brazilian and Mozambican Portuguese, our hypothesis is of particular differences in each book. Travaglia (2014) and Castilho (1968) help us in this study. This work, a preliminary excerpt from our doctoral research, points to a similar style of both works, but significant differences in the use of language resources.

KEYWORDS:

Languages;
Verbal aspect;
Senses;
Expression.